

# Imagem e narrativa: a construção dialógica da fotografia na pesquisa qualitativa em ciências humanas

**Image and narrative: the dialogic construction of the photograph  
in the qualitative research in human sciences**

Fabrcia Teixeira Borges  
Ronaldo Nunes Linhares  
Universidade Tiradentes

## Resumo

As tentativas de definir a sociedade contemporânea, na maioria das vezes, desconhece a expansão da imagem como forma de comunicação através da fotografia, cinema e tevê que nos cercam o tempo todo. Nas pesquisas qualitativas, o uso de fotografias e de entrevistas pode se constituir como alternativa entre os instrumentos para a construção de dados. Neste trabalho, fazemos uma discussão sobre o uso de fotografias, como um mediador que, associado às narrativas, produz formas significativas e específicas que nos ajudam a entender os processos de construção do conhecimento nas pesquisas em ciências humanas que utilizam esses instrumentos. Discutimos a análise de três situações vividas em pesquisas diferentes, abordando a fotografia e a entrevista sobre elas como processos dialógicos que ocorrem a partir da interação verbal entre os interlocutores, pesquisador e entrevistado.

Palavras-chaves: Fotografias. Pesquisa. Dialogismo.

## Abstract

The attempts to define the contemporary society, most of the time, are unaware of the expansion of the image as a form of communication through the photograph, cinema and television that surround us all the time. In the qualitative research, the use of photographs and interviews consists an alternative among the instruments for the construction of data. In this work we make a discussion about the use of images, especially the photograph, as a mediator who, associated to the narratives, produces significant and specific form that helps us to understand the knowledge construction processes in the research into human sciences that employs these instruments. We make the analysis of three situations lived in different researches, approaching the photograph and the interview on them as a dialogic processes that occur from the verbal interaction between the interlocutors, researcher and interviewee.

Keywords: Photographs. Research. Dialogism.



## Introdução

As tentativas de caracterizar e definir a contemporaneidade a partir de características historicamente universais e hoje reducionistas, tais como a sociedade do conhecimento e da informação, desconhecem, nesse esforço, o papel da imagem no universo atual do homem. Há muito, a imagem como forma de comunicação tem se expandido, através dos vários tipos de imagens como fotografias, cinema e tevê que nos cercam o tempo todo. Ler imagens constitui uma das novas formas de se alfabetizar no e sobre o mundo e implica ver, identificar, categorizar e inferir algo sobre elas, para compreendê-las. Na maioria das vezes, essa 'inferência' não é algo tão simples. Apesar de cultural e socialmente, identificarmos o ler imagens como natural ao ser humano, entendemos que imagens são mediadoras de um mundo simbolicamente construído, portanto requer uma aprendizagem.

Nas pesquisas qualitativas, o uso de fotografias e de entrevistas pode se constituir como alternativa entre os instrumentos para a construção de dados mas optar por sua escolha traz impactos nas análises dos resultados. Creswell (1998) destaca que não há um consenso entre os autores da pesquisa qualitativa para a análise dos dados. Vários procedimentos são adotados, muitas vezes similares. Nesses procedimentos, é comum, inicialmente, se fazer uma análise geral do material coletado para, depois, decidir sobre técnicas e estratégias mais específicas. Ou seja, a escolha de fotografias e das narrativas sobre elas, a qualidade e a especificidade dos dados poderão indicar as orientações para a sua análise. Nas análises, consideramos, também, o sentido metafórico do que foi coletado, seja em imagens, fatos ou entrevistas. Há uma busca máxima por uma aproximação possível ao que foi relatado pelos participantes associando o sentido metafórico, tanto do material coletado quanto do recurso utilizado para tal.

Em nossas pesquisas temos utilizado a fotografia e a entrevista sobre as mesmas como um recurso importante na construção dos dados. Neste artigo, faremos uma reflexão sobre a experiência na utilização das entrevistas mediadas por fotografias como uma metodologia de levantamento de dados, considerando a revisão teórica sobre aspectos da oralidade e da relação com os processos de comunicação.

O exercício de reflexão que pretendemos fazer aqui procura compreender como o momento dialógico em que a imagem feita e os enunciados

sobre ela produzem informações que nos remetem ao que entendemos como dados da pesquisa. Discutimos, aqui, as fotografias em suas funções de registros e autofotográfica no sentido de compreender a relação da imagem e das narrativas mediadas por elas.

## Imagem, fotografias e pesquisas

A pesquisa tem sofrido influência desse mundo predominantemente visual. Em relação à análise de imagens visuais, Ball e Smith (1992) destacam as várias possibilidades da utilização em pesquisas, tanto sob um enfoque quantitativo, quanto qualitativo. Os autores ressaltam que, numa pesquisa qualitativa, o uso de imagens tem como objetivo resgatar aspectos explicativos e aprofundados das características apresentadas. Nesse sentido, Silva e Koller (2002) destacam quatro funções principais para o uso da fotografia em pesquisas:

1. Função de registro: a fotografia é utilizada para documentar determinada ocorrência.
2. Função de modelo: a fotografia é apresentada para os participantes para evocar determinada reação ou opiniões sobre as fotos.
3. Função autofotográfica: é pedido aos participantes que produzam determinada quantidade de fotografias na expectativa de responder a questões específicas. Normalmente, há entrevistas para que os participantes relatem suas percepções sobre as fotos ou pedese para que escolham as que consideram mais relevantes.
4. Função de *feedback*: o participante é fotografado e, logo após, a fotografia lhe é apresentada com a finalidade de retomar aspectos estudados na pesquisa.

Partimos da compreensão de que cada foto ou seqüência de fotos carrega significados instituídos social e temporalmente. Assim, interpretar uma imagem nos remete à aprendizagem que temos das situações fotografadas, considerando que a presença de uma imagem e de sua narrativa adquire significados diferenciados de outras situações em que percebemos ou só a imagem ou só a narrativa. Discutir as especificidades dessas situações, na construção



de dados de um estudo, nos remete a reflexões importantes que orientam a pesquisa quando se utiliza de imagens e narrativas.

Em relação à imagem e à fala, Joly destaca que:

[...] a complementaridade verbal [...] consiste em dar à imagem uma significação que parte dela, sem que, todavia lhe seja intrínseca. Trata-se então de uma interpretação que ultrapassa a imagem, desencadeia palavras, uma idéia ou um discurso interior partindo da imagem, que é seu suporte, mas que a ela simultaneamente está ligada. (JOLY, 1994, p. 123).

O que verbalizamos no exercício de ver e ler uma imagem representa, portanto, um conjunto de elementos endógeno e exógeno que constituem o sujeito como ser complexo, bio-psico-econômico-sociocultural (Morin, 1991). Também Santaella e Nöth ressaltam essa complexidade do sujeito no processo de construção verbal dos significados a partir da imagem, numa relação complementar em que imagem e contexto verbal se entrelaçam e se completam na construção de um discurso. Para os autores,

A imagem pode ilustrar um texto verbal ou o texto pode esclarecer a imagem na forma de um comentário. Em ambos os casos, a imagem parece não ser suficiente sem o texto, fato que levou alguns semioticistas logocêntricos a questionarem a autonomia semiótica da imagem. A concepção defendida de que a mensagem imagética depende do comentário textual tem sua fundamentação na abertura semiótica peculiar à mensagem visual [...]. O contexto mais importante da imagem é a linguagem verbal. (SANTAELLA; NÖTH, 2001, p. 53).

Ainda segundo Santaella e Nöth (2001), na história da semântica também se encontra a idéia de que significados de palavras devem ser interpretados como imagens mentais – mesmo que ninguém tenha defendido com sucesso que as palavras, em todos os casos, evocam imagens mentais. Assim, percebemos que, mesmo que não se acredite que haja uma relação direta das palavras com a produção de imagens mentais, há palavras que promovem essa relação. A relação da palavra com a imagem é complexa e parece depender de uma evolução dos significados tanto de uma como de outra, bem como dos contextos envolvidos. Os autores acima concordam que tanto a palavra pode explicar uma imagem, como a própria palavra pode ser geradora de uma

relação imagética do objeto representado com sua denominação ou descrição verbal. Daí termos que diferenciar imagem verbal de imagem gráfica, porque a primeira refere-se às imagens que são produzidas pelos textos, palavras, morfemas e fonemas e, a segunda, ao material gráfico que evoca imagens.

Concordamos com o posicionamento dos autores no sentido de entender que cada imagem possui um núcleo de significados sociais e culturais possibilitando seu entendimento, independente da intervenção da fala, mas, que ainda assim, no contato com a narrativa produzida a partir de cada imagem, tanto o discurso pode ser permeado pela imagem, como os significados imagéticos adotam também novos sentidos, num processo dialógico designado pelas relações e pelo discurso em situações sociocomunicativas. No caso das fotografias pessoais, percebemos que o fato desse tipo de imagem possuir uma história referente ao cotidiano de indivíduos conhecidos, e, muitas vezes, envolvidos, elas são também compostas dos significados de suas histórias pessoais e também daqueles mobilizados no próprio momento de execução da fotografia.

A sensação de que a fotografia é a constatação de uma verdade percorre o pensamento de muitas pessoas, ainda que, numa teoria da narrativa e do discurso, isso não seja percebido assim. A fotografia, como verdade, é explicada por Santaella e Nöth (2001, p. 125) por sua relação do referente aderido à imagem fotográfica. “Embora seja fruto de uma conexão física, real, com o referente, sendo, portanto, um registro mais ou menos fiel de sua existência, a fotografia não é apenas física, mas também simbólica e mesmo convencional.” Pensamos que isto se dê porque a verdade é sempre relativa ao que se vive e sente-se, entendendo que a memória, de acordo com Bruner (1998), é organizada em narrativas; assim, podemos inferir que a cada reconstrução da narrativa do que a fotografia de um evento representa, há a inserção de novos fatos e elementos que estão presentes no momento atual, com traços do passado e expectativa do futuro (BENJAMIN, 1985). De acordo com Xavier:

Como resultado do encontro entre o olhar do sistema de lentes (a objetiva da câmera) e o ‘acontecimento’, fica depositada uma imagem deste que funciona como um documento. Quando se esquece a função do recorte, prevalecendo a fé na evidência da imagem isolada, temos um sujeito totalmente cativo ao processo de simulação, por mais simples que pareça. (XAVIER, 1988, p. 370).



Na fotografia, o sentido se tece na relação com o todo circundante, no enquadramento do evento quando se vai tirar a foto. Tomemos, por exemplo, a fotografia de uma família no dia do casamento de sua filha mais nova. Nesse caso, a foto não é só dos membros da família, mas de um local em que essa família se coloca para tirar a foto, do evento específico e dos significados que impactam cada um e o grupo, a família em sua relação com a sociedade e seus valores. O contexto é dado pela forma como a imagem aparece na foto, pois há também uma relação entre a história em que foram produzidas as imagens e os seus processos significativos, construídos na história que percorre sua execução. O objetivo da fotografia e a sua realização são partes dessa atividade social que não apenas é um registro impresso, mas uma construção desse evento no pensamento e na memória, já que é um registro social.

Para Barthes (1984), a imagem possui um *punctum* que diz da sua origem e da sua natureza. É o ponto onde o olhar de quem fotografa é registrado. A imagem não existe por si só. Ela pressupõe uma pessoa que a veja e que a interprete de acordo com seus processos históricos e culturais. Uma mesma imagem pode trazer diferentes significados para diferentes culturas. Nesse sentido, podemos inferir que, ao rever uma fotografia e organizar um todo enunciativo sobre ela, o entrevistado poderá inserir dados novos não apenas em seus argumentos verbais, mas modificando e construindo uma nova imagem, que ainda que não seja uma imagem física, insere-se como uma imagem mental.

Para Barthes (1984, p. 123), o registro fotográfico é a presentificação do morto. Diz ele sobre a fotografia: "O efeito que ela reproduz em mim não é o de restituir o que é abolido (pelo tempo, pela distância), mas o de atestar que o que vejo de fato existiu." Nesse sentido, seu papel é dialético, porquanto através do registro do que já não existe há a possibilidade de presentificação, de manter vivo o instante passado. E, na captura do instante, capturam-se também emoções e episódios completos, pois toda foto tem uma história e uma interpretação. O instante apreendido na foto é mediador de uma memória abrangente e contextualizada do que é apresentado. "A imagem traz informações (visuais) sobre o mundo que pode ser conhecido de diferentes formas, inclusive em alguns de seus aspectos não-visuais." (AUMONT, 1993, p. 80).

A fotografia é decididamente um material produzido a partir de um tempo que ficou no passado. Ao descrever a fotografia, estamos trazendo para o presente um fato passado. Ao rememorar o que aconteceu, construímos

novos significados que dizem respeito ao que foi e ao que ocorre no momento. A imagem funciona como mediadora de uma narrativa presente para um fato que esteve no passado e, desse modo, colabora para a construção de novos significados sobre o que já havia sido construído. Falar de algo que já foi indica uma construção dialética do presente, passado e futuro em que cada fato possui novas representações diferenciadas e transformadoras do pensamento verbal.

Souza e Lopes (2002, p. 79) desenvolveram um estudo em ambiente educacional no qual eram fotografadas cenas do cotidiano escolar e, posteriormente, as crianças narravam as situações que haviam acontecido. Essa pesquisa buscava incentivar a leitura de imagens e o diálogo no ambiente escolar. Para as autoras, “[...] o uso de fotografia no contexto escolar justifica-se pela possibilidade de criar estratégias pedagógicas que viabilizem o processo de produção de novas formas de expressão do conhecimento e da cultura.” Destacam, ainda, que o uso de fotografias pode “reverter a experiência do olhar” que, culturalmente, tem sido banalizada. Além disso, é uma forma de aplicar uma metodologia crítica aos eventos cotidianos. Esse estudo se refere a um processo de aprendizagem que, a nosso ver, não ocorre, apenas, no contexto escolar, posto que a noção de educação e aprendizagem em uma abordagem sócio-histórica envolve o processo de socialização.

## Dialogismo e temporalidade nas entrevistas

Na visão dialógica da linguagem, não se pode deixar de considerar que a interação e a atividade nas entrevistas utilizadas na construção de dados da pesquisa qualitativa são aspectos relevantes e contribuem para as análises que surgem dos resultados. A interação que ocorre ao se entrevistar não é ingênua e nem imparcial, uma vez que possibilita um encontro dialógico entre participantes e pesquisadores. A situação que aqui procuramos analisar é sobre o momento dialógico em entrevistas mediadas por fotografias.

É necessário pensarmos sobre o momento dialógico da entrevista mediada pelas fotografias e sobre a interação verbal entre entrevistador e entrevistado. Esses elementos são importantes para nossa análise.

Para Volosinov (1992) e Bakhtin (2005), toda ação reflete a postura ideológica do grupo. Nesse sentido, a fala e os conceitos são também



mediadores ideológicos entre a pessoa e seu grupo. Por meio da fala, podem ser identificadas quais as possíveis ideologias que estão regulando os significados do grupo e de suas ações. Leontiev (1980) destaca que a atividade constrói e é construída pelo indivíduo, sendo a fala um instrumento mediador desse processo. Por isso, “[...] todo enunciado é constitutivamente dialógico, uma vez que haverá, sempre, ao menos, a voz do leitor que falará no texto ao lado da voz do locutor [...]” (AMORIM, 2002, p. 12), constituindo os textos de uma polifonia de vozes que se entrelaçam para formar o enunciado.

Nas entrevistas, não, apenas, as vozes presentes no discurso apontam para o que se quer comunicar e negociar, mas a ausência de certas vozes, ou seja, os silêncios também são reveladores do discurso, são paradigmáticos enquanto possibilidades de significação culturais mantidas *in absentiae*. (BARBATO-BLOCH, 1997; WERTSCH, 1998). Em nosso exercício de análise das entrevistas, destacamos a noção baktiniana de diálogo no processo da interação verbal que envolve a fala e as explicações sobre as fotografias dos participantes em situações dialógicas de pesquisador e entrevistado.

A interação que se constrói entre entrevistador e entrevistado se constitui a partir da palavra enunciada como uma ponte entre o locutor e o ouvinte. (VOLOSINOV, 1992). Nesse processo, a enunciação consiste na materialização da palavra que provoca a interação verbal e manifesta a linguagem, e a palavra enunciada torna-se a expressão da interação, uma vez que nela estão contidos os aspectos enunciativos de quem fala e para quem é dirigida. Ao se enunciar uma palavra, leva-se em conta para qual grupo se está falando, em que situação e em que momento histórico a conversa está acontecendo; desse modo, a palavra não se refere apenas a quem fala, mas contém componentes enunciativos que remetem a quem se fala também. “É uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor [...]” (VOLOSINOV, 1992, p. 113), em que todo processo comunicativo pressupõe o encontro de vozes que, enunciadas pelo locutor e pelo interlocutor, são manifestações de ideologias culturais presentes nos grupos sociais aos quais as pessoas pertencem.

Nesse contexto, podemos afirmar que o encontro dialógico não acontece apenas quando se conversa face a face com alguém, mas em todo o processo da comunicação. Nos livros, nos textos, nos contos, na música. Há sempre uma pessoa que fala e que direciona sua fala para o outro. A forma



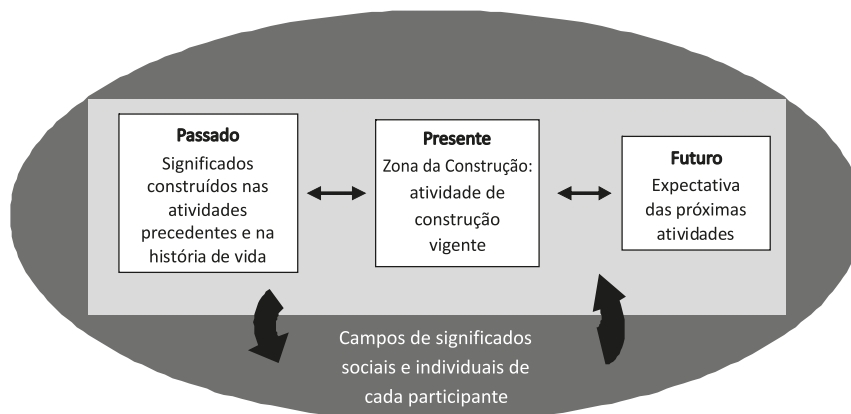
como a fala se materializa e está contextualizada e direcionada a um outro, que participa dessa enunciação. Para esse autor, a comunicação não pode ser entendida fora de um contexto, de um vínculo e de uma situação concreta, pois é, nesse contexto, que a enunciação produz significação.

Na realidade, não são palavras o que pronunciamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra sempre está carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas concernentes à vida. (VOLOSINOV, 1992, p. 95).

O sentido ideológico e vivencial do discurso enunciado, a que Volosinov se refere, contém os aspectos sociais e ideológicos pelos quais as pessoas se constroem. No outro ponto de vista, nos meios de comunicação (jornais, fotografia, cinema, rádio e internet, tevê) partimos da leitura de uma linguagem 'elaborada para todos', mas que chega a cada um, influencia em sua construção subjetiva, num exercício de codificação e decodificação diferenciado.

136

Partindo dessas reflexões, Borges (2006) propõe uma figura metafórica do processo de construção dos dados que ocorre no momento da entrevista:



Representação da dinâmica da Zona de Construção para a construção dos dados na situação da entrevista. (BORGES, 2006).



A figura anterior demonstra os campos de significados culturais que se atualizam no momento do encontro do(s) participante(s) com o entrevistador. É um momento dialógico; portanto, de compartilhamento de significados histórico-culturais. E ainda que o pesquisador tenha a intenção de entender e construir os dados relativos ao participante de sua pesquisa, a própria presença e suas intervenções no sentido de incentivar o processo sócio-comunicativo são propiciadores das construções de novos significados. Para Bakhtin (2005, p. 195) “[...] as palavras do outro, introduzidas na nossa fala, são revestidas inevitavelmente de algo novo, da nossa compreensão e da nossa avaliação, isto é, tornam-se bivocais.”

Ao analisar esse processo sob a perspectiva co-construtivista trabalhada por Valsiner (1995), entendemos que o desenvolvimento psicológico é fruto das relações sociais em que os significados são co-construídos pelos indivíduos envolvidos. Nessa perspectiva, o indivíduo é ativamente participante do processo cultural, e a cultura é transmitida através de um processo bidirecional, influenciando e sendo influenciada pelas pessoas, no nível dos seus sentidos associativos, quando os signos adquirem seu sentido ideológico pleno. Nesse nível, que Hall (2004, p. 395) define como conotativo do signo, “[...] as ideologias alteram e transformam a significação. Nesse nível, podemos ver mais claramente a intervenção ativa da ideologia dentro do discurso e sobre ele.” Quando se refere ao signo visual, o autor ainda observa que

[...] o nível de conotação do signo visual, de sua referência contextual e de seu posicionamento em diferente campos de sentido, é justamente onde os signos já codificados se interseccionam com os código semânticos de uma cultura e, assim, assumem dimensões ideológicas adicionais e mais ativas. (HALL, 2004, p. 395).

Ao aplicarmos isso à pesquisa, entendemos que sendo o momento da entrevista também uma forma de interação social, ainda que com regras próprias, ele é também propiciador do desenvolvimento humano que, mediado pela cultura, produz um processo vivo de materialização do discurso, fruto de uma postura dialógica e temporal.

Nesse sentido, a construção de novos significados implica considerar uma história passada, uma expectativa futura e uma ação presente, em um local de produção simbólica onde se encontram as várias formas de mediação histórico-culturais em que o instante da ação (em que passamos a chamar de

presente) e da co-construção de novos significados pode ser entendido como um tempo microgenético. (VALSINER, 1995). Há uma atualização do tempo vivido porque nela observamos a constante reorganização dos significados, antigos e novos, que constituem uma rede de significações. Rossetti-Ferreira, Amorim e Silva (2000) ao proporem uma teoria baseada nessas redes de significações que participam do desenvolvimento humano, destacam, nesse processo, quatro tempos, concordando com Valsiner:

- Tempo presente ou microgenético, refere-se às situações do aqui-agora e das relações face a face. “Neste tempo as várias vezes ativadas pelos outros três tempos tornam-se presentes e combinadas” (p. 4).
- Tempo vivido ou ontogenético, refere-se às vozes socialmente construídas durante o processo de socialização do indivíduo.
- Tempo histórico ou cultural: “refere-se ao *locus* do imaginário social” (p. 4).
- Tempo prospectivo, ou orientado para o futuro: refere-se às expectativas individuais e coletivas em relação ao futuro.

Sobre como estes tempos se relacionam as autoras descrevem:

[...] esses quatro tempos encontram-se dinamicamente inter-relacionados, uns sustentando e transformando os outros. Porém entende-se que no tempo histórico as resistências à mudança são maiores e as transformações mostram-se bastante lentas. Por outro lado, no tempo vivido, as mudanças são mais evidentes e, no tempo presente, as transformações emergem continuamente. (ROSSETTI-FERREIRA; AMORIM; SILVA, 2000, p. 4).

Entendemos, então, que a vivência da temporalidade possui importância na pesquisa, pois através dela conseguimos articular e interagir com os vários campos de significados que participam de nossa construção como indivíduos e nos regulam em nossas ações e comportamentos. Em uma concepção dialógica das entrevistas, o tempo, a forma como o discurso foi tecido discorrem de uma construção única do momento da entrevista. A interação de entrevistador e entrevistado contribui para que haja um acordo comunicativo sobre o tema e a direção seguida pelo discurso, bem como sobre as atividades



desenvolvidas por cada participante. Ao utilizar diferentes instrumentos de construção como o fotografar e a narrativa, novas significações são produzidas ao final do processo da construção de dados.

Essas reflexões fundamentam nossos estudos sobre os momentos dialógicos nas entrevistas mediadas por fotografias, a partir das análises que apresentamos a seguir a respeito de três situações específicas observadas em nossas pesquisas. As duas primeiras situações referem-se ao estudo feito com o objetivo de identificar os significados de “olhar” para quatro mulheres de Goiânia. O terceiro momento refere-se a pesquisas ainda em desenvolvimento sobre os significados do “ser professora”. Na metodologia das duas pesquisas, utilizamos fotografias feitas pelas participantes e entrevistas mediadas por essas imagens como forma de construção dos dados desses estudos.

## **A fotografia em relações dialógicas com o entrevistador**

Em um estudo feito por nós (BORGES, 2006) sobre os significados do olhar nas perspectivas de quatro mulheres de Goiânia, percebemos que as fotografias que foram produzidas ganhavam novos sentidos quando mediando as situações de interação das entrevistas. Nesta pesquisa, fizemos uma solicitação às participantes que fotografassem como ‘viam o mundo’. O objetivo era identificar os significados sobre o olhar mediado por quatro fotografias escolhidas pelas quatro mulheres.

A seguir, apresentamos um quadro com um momento da pesquisa em que, para exemplificar o seu significado de olhar, uma das participantes escolhe uma fotografia que não foi impressa por ter ‘queimado’.

A Foto 1, a do pôr-do-sol, apesar de não ter sido impressa porque queimou, SOL decidiu incluí-la na sua seleção, porque considerou importante. Isso nos faz perceber que a foto existe antes de ela ser revelada, e essa construção de significações é relacionada não somente às tentativas de dar resposta à nossa instrução de que tirasse fotos de como via o mundo. Podemos supor, então, que a interação verbal aqui é mediada por uma imagem mental, como descreve Joly (1994). Uma imagem mental que, por ter sofrido a ação da máquina fotográfica, fica registrada com o significado da fotografia. Sobre isso, Barthes (1984) ressalta:



[...] o que funda a natureza da Fotografia é a pose. Pouco importa a duração física desta pose; mesmo no tempo milionésimo de segundo [...]. Ao Olhar uma foto, incluo fatalmente em meu Olhar o pensamento desse instante, por mais breve que seja, no qual uma coisa real encontrou-se imóvel diante do olho. Reporto a esta imobilidade da foto presente à tomada passada, e é essa interrupção que constitui a pose. (BARTHES, 1984, p. 117).

<div data-bbox="247 584 604 1066" style="border: 1px solid black; padding: 10px; text-align: center;"> <p>Foto do Pôr-do-SOL não revelada porque queimou!</p> </div>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. P: Sol, e a outra foto que não tá aí...??</li> <li>2. S: É a do pôr-do-sol assim que eu acho muito bonito. naquele momento assim parece que cê..</li> <li>3. P: Você faria uma relação do pôr-do-sol com a sua vida, em alguns momentos?</li> <li>4. S: Parece que cê viaja assim no infinito né? Eu acho muito bonito... não tem como fazer relação não, eu só acho assim quando no pôr-do-sol, quando ele tá muito bonito, éh, se você começar a analisar muito assim – é igual eu te falei você se sente muito presente de Deus, aí cê realmente cê vê que Deus existe e a gente dá uma viajada assim no infinito, e a gente esquece muita coisa, a gente vê que a vida é boa – com muita dificuldade mas é boa.</li> </ol>
--	--

Foto 1 – O pôr-do-SOL: presença de Deus, bonito, viaja ao infinito

A possibilidade de lidar com o não-presente, o que não está registrado declara a possibilidade da existência do fato e dos significados que impactam a foto, mesmo quando não há uma imagem impressa dele. O pôr-do-sol existe independente de podermos vê-lo ou não, mas, no momento da entrevista, é possível reconstruí-lo e também ampliá-lo junto aos interlocutores, pesquisador e participante.

A foto do pôr-do-sol existe, ainda que não seja revelada. A atividade de fotografar registra-o em algum lugar, que seja no pensamento de SOL, em sua história das fotografias, em sua descrição da foto na entrevista. E é sobre



essa imagem e sobre a fotografia produzida que SOL repousa sua fala e a importância do evento registrado. Registrado, não em uma foto de papel, mas em uma atividade de fotografar, em uma atividade de Olhar, mediado pela câmera: é a atividade de fotografar que seleciona o evento a ser concretizado no ato de produção de significados direcionados para a resolução de problemas colocada a SOL pela pesquisadora. Podemos então dizer que o ato de fotografar superou a expectativa da foto, isso porque notamos na entrevista que SOL ressaltou mais o ato de fotografar do que a própria visão das fotos reveladas. Barthes (1984), ao falar das fotografias que são importantes para ele, declara:

Não posso mostrar a foto do Jardim de Inverno. Ela existe apenas para mim. Para vocês, não seria nada além de uma foto indifferente, uma das mil manifestações do "qualquer"; ela não pode em nada constituir o objeto visível de uma ciência; não pode fundar uma objetividade, no sentido positivo do termo; quando muito interessaria ao *studium* de vocês: época, roupas, fotogenia; mas nela, para vocês, não há nenhuma ferida. (BARTHES, 1984, p. 110).

A foto dialoga com a vida e com o que a participante quer expressar para o entrevistador, como importante para si, para o que gosta. A fala provê a explicação necessária para comunicar o significado da foto que queimou, possibilitando ao interlocutor que imagine um possível pôr-do-sol a partir dessas informações que fornece. É nesse processo que identificamos que o momento dialógico que acontece nas entrevistas sobre as fotografias feitas pela participante recupera o instante que se queimou na foto. É possível perceber que a atividade de fotografar instaura a imagem que é eternalizada através da interação verbal com a pesquisadora. Nesse momento da pesquisa, notamos que existe um compartilhar de informações que é possível mediante a interação verbal que acontece entre os interlocutores. Compartilha-se a fotografia, ainda que ela não seja vista. A imagem mental que é comunicada por SOL, só é possível mediatizada pela palavra. Palavra, esta, orientada para a entrevistadora, mas que contextualiza um evento (o pôr-do-sol) vivenciado em algum momento de suas histórias e atualizado no momento da entrevista.

Uma outra fotografia também de SOL, nesse mesmo estudo, nos mostra como a imagem pode ser reconfigurada a partir da interlocução entre participante e entrevistadora.




	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. P: Agora então me fala dessa aqui, como é que você fez essa foto da natureza, falou que saiu as casas que você num queria que...</li> <li>2. S: É na realidade eu queria que saísse só a matinha lá, só a natureza mesmo.</li> <li>3. P: Você gostou dessa foto?</li> <li>4. S: Gostei.</li> <li>5. P: E essa aqui... você mudaria ela?</li> <li>6. S: Essa aqui parece que ficou melhor né com relação a natureza né ... apareceu bem o céu...</li> <li>7. P: Né... Então essa aqui que é a primeira?</li> <li>8. S: Uhum</li> <li>9. P: Quando você vê o céu o que você lembra?</li> <li>10. S: Aiii, eu sinto assim, uma paz espiritual, eu sinto que Deus tá muito presente comigo, eu sinto assim paz interior.</li> </ol>
---	---

Foto 2 – O céu, a natureza e a presença de Deus

Nessa outra situação, percebemos que há um jogo lingüístico entre Sol e a pesquisadora para o estabelecimento da relação natureza e sua representação pela fotografia. No turno 1 e 2, as falas dos interlocutores sugerem uma ação interna de reconstrução de uma imagem mental partindo das fotografias que foram feitas. A nova imagem, em que *'apareceu bem o céu'* (6) e *que não aparecem as casas*, permite a escolha da *'melhor'* fotografia onde o significado de natureza para Sol encontra forma de ser representada externamente. Há uma participação e um compartilhamento por parte da pesquisadora quando negociam os significados da fotografia que melhor representaria os significados da natureza para SOL. Podemos entender esse momento como uma co-construção da imagem mental mediada pela fala e pelas fotografias. O episódio da conversação mediada pela essa foto escolhida por SOL se



construiu pelo movimento da fala entre os interlocutores em que a imagem amparou a escolha dos significados e a própria escolha das fotografias. O significado que se queria representar imagetivamente, já havia sido escolhido: a natureza. Houve, então, uma tentativa de encontrar a melhor imagem, a que daria para representar os sentidos que SOL gostaria de enfatizar. Dois elementos se faziam necessários para a representação da natureza: a mata e o céu; a escolha se deu pela fotografia que apresentava uma melhor visualidade do céu e da mata e em que as casas ficaram menos visíveis.

A Foto 2, então, feita por SOL, retrata o céu e a natureza. Na foto, aparecem o céu, a mata e as casas que compõem o condomínio onde SOL vive. Podemos fazer a seguinte reflexão: ainda que exista uma imagem interna do que seria a *natureza* para SOL, o local onde mora, suas atividades e a própria atividade de fotografar influenciam em sua *fotografia interna da natureza* e novos significados são reconstruídos e ficam retratados na imagem impressa. Apesar de querer fotografar a natureza, essa natureza é vista a partir de onde mora. Podemos perceber pelas fotos que a perspectiva do Olhar é uma perspectiva do local em que mora: existe a natureza, mas também existem as casas, as pessoas, o local de lazer. Em sua fala, SOL destaca que o céu traz a presença de Deus, e a paz interior porque sente a presença de Deus com ela. Braga e Smolka declaram:

A função criadora da imaginação não se restringe à combinação do que nós mesmos assimilamos de experiências passadas. As ligações que são as bases da fantasia, segundo Vigotski, só são possíveis graças às experiências alheias ou sociais, graças ao que nos contaram as pessoas, os livros, os filmes, os retratos [...] as palavras e imagens. (BRAGA; SMOLKA, 2005, p. 22).

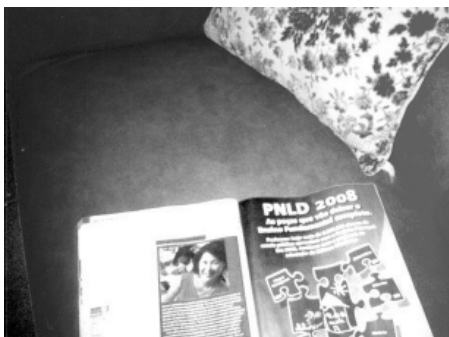
Nesse sentido, no encontro entre Sol e a pesquisadora, as fotografias produzidas funcionaram como mediadores na construção dos significados dessa primeira foto e agiram dentro de um movimento dialógico na construção e reconstrução das imagens e dos significados da natureza, indicando também uma fluida limitação entre interno e externo em que tanto o interno participa do externo como o inverso, assim como postula Leontiev (1980) Constrói-se, então, uma nova imagem: em que há uma maior ênfase no céu e um 'desaparecimento' das casas. A fotografia impressa é um instrumento mediador de uma imagem mental que vai se construindo a partir da interação dialógica com



a entrevistadora. A imagem, através dessa interação, é recortada, reconfigurada, transformada, arrematada.

Em um outro estudo (BORGES; ARAÚJO; BARBOSA, 2008) sobre os significados do "ser professora", Joana, nossa participante, traz para nós uma fotografia sobre um momento vivenciado na escola em que trabalha. Nesse estudo, o objetivo era de identificar os significados que as professoras atribuíam em relação ao que entendiam de ser professor. Como metodologia desse estudo, fizemos entrevistas narrativas de histórias de vida e, logo após, foi pedido para que as participantes retratassem através da fotografia quais os significados do ser professor. Escolhemos uma das fotografias de nossas participantes, Joana, para discutirmos como a fala mediada pela presença da fotografia pode construir novos significados num jogo entre entrevistador e entrevistado.

144



E: ...Agora essa aqui eu não lembro não... era o que ela dizia.

P: O que é que vem em mente agora vendo essa foto?

E: ...vem em mente o que representa o ensino e aprendizagem. As dificuldades que nós enfrentamos principalmente que não há uma contribuição muito boa da família, que a gente tem, assim, encontrado muita dificuldade mesmo porque não há aquele compromisso dos pais com os filhos, acha que a escola está ali pra tudo, né? pra... a escola está pra resolver tudo o que o aluno precisa, e não é assim, né?

Joana não lembra o que diz a fotografia. É a fotografia de uma revista sobre educação. O entrevistador sugere a Joana dizer o que vem à mente, quais são os significados que, ao olhar a imagem feita, surgem para ela. Então, Joana, na presença da imagem e da entrevistadora, constrói um enunciado baseado nas dificuldades de sua profissão. Na falta de compromisso dos pais com os filhos em relação à escola. A imagem se modifica, se constrói na forma como os interlocutores se relacionam através dela. Ela medeia a



construção dos significados, mas não possui os significados em si. A polissemia dos significados mediada pelas imagens é que faz ser possível essa constante negociação com seus sentidos na presença do entrevistador. Eles podem ser negociados no jogo com o pesquisador. Joana esquece o que era ou o porquê a fotografia foi feita, mas é possível a construção de novos sentidos sobre a imagem feita através da dialogia que se estabelece entre ela e a entrevistadora.

Podemos observar que, apesar de a fotografia ser designada como imagem parada, e o cinema, como imagem em movimento, o que se observou é que a imagem não está em movimento, mas o sentido em que foi produzida é que adquire uma dinamicidade mudando o contexto e a forma de conhecer, o que nos remete a Benjamin (1985) em sua discussão sobre a temporalidade e a fotografia. No entanto, esse movimento que se instaura no momento da entrevista é instigado pela dialogicidade da relação Joana-entrevistadora. A presença e o diálogo entre as duas é que inicia uma tentativa de resposta por parte de Joana e que lhe permite construir novos significados sobre a imagem escolhida. Consideramos, ainda, que tais significados são construídos a partir desse momento e contextualizados por essa relação. Não se fala sobre qualquer significado, mas sobre os que são construídos nas expectativas da história da pesquisa, dos primeiros contatos e das entrevistas mediatizadas pelas imagens.

Pensar a dialogicidade que acontece entre os interlocutores de uma pesquisa é entender que os significados construídos em um estudo são dinâmicos e estão em movimento mas regulados pela própria história da pesquisa em execução, de sua contextualidade e das relações que se estabelecem, bem como de seus instrumentos mediadores, no caso desse estudo, as fotografias.

## Considerações finais

○ trabalho com fotografias deve considerar desde o momento de sua produção até quando a imagem impressa do que foi fotografado é mediadora de entrevistas sobre ela. A atividade de fotografar possibilita novas reflexões sobre os objetos de estudo, mediados pela máquina fotográfica. Além do instrumento, a câmera, há também uma ação sobre o mundo a partir desse instrumento: a fotografia é a possibilidade de ver um mundo selecionado e

mediado por um instrumento que registra e medeia novos aprendizados e novas relações entre os significados.

A partir das fotos, os participantes de nossos estudos puderam partir para discussões sobre os valores, as dificuldades cotidianas e a percepção que têm do mundo. A fotografia impressa é, então, mediadora da construção de novos significados sobre os objetos estudados através da interação dialógica que ocorre entre os interlocutores na entrevista. Como mediadora associada às narrativas, produz formas significativas e específicas que nos ajudam a entender os processos de construção do conhecimento nas pesquisas em ciências humanas que utilizam esses instrumentos.

Neste estudo, o fotografar tornou-se uma prática dialógica de conhecimento sobre o evento registrado e aparece como uma forma específica na construção de dados de uma pesquisa. A análise das três situações vividas e enriquecidas por entrevista permitiu a construção de processos dialógicos que ocorrem a partir da interação verbal entre os interlocutores, pesquisador e entrevistado. Nesse processo, as entrevistas se constituíram como alternativa entre os instrumentos para a construção de dados que trouxeram impactos nas análises dos resultados, a partir do momento em que estabeleceram alguns indicadores importantes para a sua análise.

Este exercício de reflexão aqui desenvolvido amplia a compreensão do momento dialógico construído, em que a imagem, em suas mais diversas funções, e os enunciados sobre ela, produz em informações que nos remetem ao que entendemos como dados da pesquisa.

Comprova-se que cada foto ou seqüência de fotos carrega significados instituídos social e temporalmente e que imagem tanto pode ilustrar um texto verbal, quanto pode esse texto esclarecer a imagem na forma de um comentário. Em se tratando das fotografias pessoais aqui analisadas, percebemos que esse tipo de imagem possui uma história referente ao cotidiano de indivíduos conhecidos, e muitas vezes envolvidos, sendo também compostas dos significados de suas histórias pessoais e também daqueles mobilizados no próprio momento de execução da fotografia. Ao rever uma fotografia e organizar um todo enunciativo sobre ela, o entrevistado poderá inserir dados novos não apenas em seus argumentos verbais, mas modificando e construindo uma nova imagem, que, embora não seja uma imagem física, insere-se como uma imagem mental.



Na análise das entrevistas, a noção baktiniana de diálogo no processo da interação verbal que envolve a fala e as explicações sobre as fotografias dos participantes em situações dialógicas de pesquisador e entrevistado se concretiza, pois a foto dialoga com a vida e com o que a participante quer expressar, como importante para si, para o que gosta. A fala provê a explicação necessária para comunicar o significado da foto que queimou, possibilitando ao interlocutor que imagine um possível pôr-do-sol a partir dessas informações que fornece. Assim, a conversação mediada pela imagem se construiu pelo movimento da fala entre os interlocutores em que a imagem amparou a escolha dos significados e a própria escolha das fotografias e produziu um conjunto de novas informações que ampliaram aquelas anteriormente conhecidas, qualificando tanto a imagem fotográfica mediada por narrativas pessoais dos sujeitos produtores dessas imagens como instrumentos importantes na pesquisa qualitativa em ciências humanas.

## Referências

AMORIM, Marília. Vozes e silêncios no texto de pesquisa em ciências humanas. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 116, p. 7-19, 2002.

AUMONT, Jacques. **A imagem**. Tradução Estela dos Santos Abreu e Cláudio C. Santoro. Campinas, São Paulo: Papirus, 1993.

BALL, Michael; SMITH, Gregory. **Analyzing visual data: qualitative research methods**. Newbury Park: CA: Sage, 1992.

BARBATO-BLOCH, Silviane. **O processo de produção textual de uma jovem com síndrome de down**: Explorando novos espaços discursivos. 1997. 320 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2005.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Tradução Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Obras escolhidas, v. 1).

BORGES, Fabrícia; ARAÚJO, Paulo Guilherme Ferreira; BARBOSA, Livia Melo. Life History narratives of female teachers and their positionings as both women and mothers In: XV CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA ORAL, 15., 2008, Guadalajara. **Anais...** Guadalajara (México): IOHA, 2008. p. 1-12.

BORGES, Fabricia Teixeira. **Tem tantos jeitos de ver!** Os significados do Olhar nas perspectivas de quatro mulheres de Goiânia. 2006. 235f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

BRAGA, Elizabeth dos Santos; SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. Memória, imaginação e subjetividade. **Horizontes**, Itatiba, v. 23, n. 1, p. 19-28, jan./jun. 2005.

BRUNER, Jerome. **Realidade mental, mundos possíveis**. Tradução Ordep José Serra. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

CRESWELL, John. **Qualitative inquiry and research design**. London: Sage Publications, 1998.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Tradução Adelaine la Guardia Resende. Belo Horizonte. Editora da UFMG/UNESCO, 2004.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Lisboa: Edições 70, 1994.

LEONTIEV, Alexis N. **Problemas del desarrollo del psiquismo**. Havana: Editorial Pueblo y educación, 1980.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Lisboa, Instituto Piaget, 1991.

ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde; AMORIM, Kátia; SILVA, Ana Paula. Uma perspectiva teórico-metodológica para a análise do desenvolvimento humano e do processo de investigação. **Psicologia: reflexão e crítica**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 281-293, 2000.

SANTAELLA, Lúcia; NÖTH, Winfried. **Imagem: cognição, semiótica, mídia**. São Paulo: Iluminuras, 2001.

SILVA, Lucas Neiva; KOLLER, Helena. O uso da fotografia na pesquisa em Psicologia. **Estudos em Psicologia**, Natal, v. 7, n. 2, p. 237-250, 2002.

SOUZA, Solange Jobim; LOPES, Ana Elisabete. Fotografar e narrar: a produção do conhecimento no contexto da escola. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 116, p.61-81, 2002.

VALSINER, Jaan. Social co-construction of psychological development from a comparative-cultural perspective. In: J. Valsiner. **Comparative cultural and construtivist perspectives**. New Jersey: Abley Publishing Corporation, 1995.



VOLOSINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1992.

WERTSCH, James. **Mind as action**. New York: Oxford University Press, 1998.

XAVIER, Ismail. **O olhar e a cena**: Melodrama, Hollywood, Cinema Novo, Nelson Rodrigues. São Paulo: Cosac & Naify, 1988.

Profa. Dra. Fabrícia Teixeira Borges  
Universidade Tiradentes | UNIT-SE  
Núcleo de Pós-Graduação em Educação | NPed-UNIT  
Linha de Pesquisa Educação, Comunicação e Sociedade  
E-mail | fabricia.borges@gmail.com

Prof. Dr. Ronaldo Nunes Linhares  
Universidade Tiradentes | UNIT-SE  
Núcleo de Pós-Graduação em Educação | NPed-UNIT  
Linha de Pesquisa Educação, Comunicação e Sociedade  
E-mail | rnlinares@uol.com.br

Recebido 30 out. 2008

Aceito 29 dez. 2008